

D. JERÓNIMO OSÓRIO E O *DE GLORIA*: UM *BEST-SELLER* EUROPEU DE QUINHENTOS¹

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

Centro de Línguas e Culturas
Universidade de Aveiro

RESUMO

Este texto faz uma abordagem ao tratado *De gloria* do humanista português D. Jerónimo Osório, referindo, também, alguns aspetos da vida do autor. No que se refere ao texto, aborda-se a questão das suas edições, a opção pelo diálogo, a escolha do local e data e, ao nível estilístico, apresenta-se uma amostragem da utilização das cláusulas métricas.

PALAVRAS-CHAVE

D. Jerónimo Osório; *De gloria*; diálogo; cláusulas métricas.

ABSTRACT

This paper presents an approach to the treatise *De gloria* by the Portuguese humanist D. Jerónimo Osório; some aspects of the author's life are also raised. With regard to the text, the matter of its editions is addressed as well as the option for dialogue and the choice of place and date. With regard to the stylistic level, a sample of the use of metric clauses is presented.

KEYWORDS

D. Jerónimo Osório; *De gloria*; dialogue; metric clauses.

¹ Este trabalho, sob uma nova roupagem e com alguns acrescentos, aborda diversos aspetos da nossa tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: João Manuel Nunes Torrão, *D. Jerónimo Osório e o tratado De gloria*. I. Estudo. II. Edição Crítica. Coimbra, 1991 (tese de doutoramento policopiada). As referências que surgirem serão feitas mediante a indicação do tomo e do número da página.

ASPETOS DA VIDA

D. Jerónimo Osório (1514 ou 1515-1580) terá sido, na altura, um dos portugueses mais conhecidos na Europa culta. De facto, as suas obras, além de serem numerosas, tiveram um número de edições extraordinário e, além disso, a maior parte dessas edições veio a lume fora de Portugal².

A data do seu nascimento tem estado envolta em alguma polémica com alguns autores a defenderem o ano de 1506, baseando-se, essencialmente, nas referências à sua morte encontradas num passo da sua *Vita*³ escrita pelo sobrinho homónimo e outros a pugnarem pelo ano de 1514 (ou mesmo 1515) ancorando-se num outro episódio dessa mesma *Vita*. A primeira data é a mais encontrada em enciclopédias e foi defendida também, numa fase inicial, por Joaquim Veríssimo Serrão⁴ e depois por Henrique Castelo Madeira⁵ e ainda hoje, numa rápida pesquisa na internet é esta a data mais encontrada para o nascimento. A segunda foi defendida, em primeiro lugar por Luís de Matos⁶, a que se seguiu Léon Bourdon⁷; mas tarde, Sebastião Tavares de Pinho⁸ também a defende e nós próprios acabámos por aduzir alguns argumentos em seu favor⁹. Mais recentemente, no seguimento de outros trabalhos onde esta temática também é abordada¹⁰, António Guimarães Pinto volta a defender a colocação da data de nascimento entre 1514 e 1515¹¹ e, de facto, para nós, a data mais provável é mesmo finais de 1514 ou mesmo o início de 1515.

O HUMANISTA

D. Jerónimo Osório, para além de sacerdote, e, mais tarde, bispo de Silves (depois, Algarve), foi também humanista (com especial gosto pela controvérsia) e educador e, além disso, revelou-se

² Sobre esta temática veja-se o estudo de Francisco Leite de Faria, "As muitas edições de obras de D. Jerónimo Osório": *Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 1 (1981) 116-131.

³ A *Vita* aparece inserida em Hieronymi Osorii Lusitani Episcopi Algarbiensis, *Opera Omnia*. Hieronymi Osorii Nepotis Canonici Eborensis Diligentia. Romae, Ex Bibliotheca Georgii Ferrarii, MDXCII. Veja-se uma tradução portuguesa em: D. Jerónimo Osório, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*. Tradução, introdução e anotações de A. Guimarães Pinto. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, [1996] 33-64.

⁴ Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, "Portugueses no Estudo se Salamanca (1250-1550)": *Revista da Faculdade de Letras*, III série, Lisboa, n. 5 (1962).

⁵ Cf. Henrique Castelo Madeira, *Jerónimo Osório, pedagogo e moralista cristão à luz da obra De regis institutione et disciplina*. Roma, tese dactilografada, 1970.

⁶ Luís de Matos, "La place du possessif dans le *De rebus Emmanuelis gestis* de Jerónimo Osório": *Mélanges de philologie, de littérature e d'histoire anciennes offerts à J. Marouzeau par ses collègues et élèves étrangers*. Paris, 1948.

⁷ Cf. Léon Bourdon, "Jerónimo Osório et Stanislas Hosius —(1565-1678)": *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, XXIII, (1958) 1-105.

⁸ Sebastião Tavares de Pinho, "Poética e poesia em D. Jerónimo Osório": *Humanitas*, 35 36 (1983-84), 221-270.

⁹ Veja-se a nossa tese de doutoramento acima referida, *maxime* I, 19-29.

¹⁰ D. Jerónimo Osório (1996), 68, n. 17.

¹¹ D. Jerónimo Osório, *Opera Omnia I. Paráfrases a Job e à Sabedoria de Salomão*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra-Universidade do Algarve, [Portugaliae Monumenta Neolatina vol. IV], 2009, 9

também uma pessoa com particular interesse pela política nacional da altura e, por coincidência, acaba por morrer no fatídico ano de 1580, tal como Camões.

Aquele que viria a ser Bispo de Silves revelou-se um escritor com grande fecundidade e, além disso, as suas obras tiveram na altura uma vastíssima difusão quer em termos nacionais quer, de modo particular, na Europa, revelando-se aquilo a que hoje chamaríamos, sem qualquer hesitação, um *best-seller*. De facto, a sua vasta obra, que teve um número muito elevado de edições, como teremos oportunidade de pormenorizar para uma obra em concreto, reúne, segundo a contagem de Leite de Faria¹², vinte e seis títulos, embora talvez seja preferível contar apenas vinte e cinco, se não contarmos os extratos de uma obra como um título autónomo. De todas estas obras foram editadas em vida treze e as restantes só vieram a lume em 1592, em Roma, na edição dos *Opera omnia*. A sua primeira obra a ser editada foi o *De nobilitate civili et christiana*, em 1542, seguida do *De gloria*, cuja edição *princeps* é de 1549.

Esta obra apresenta uma riqueza temática muito assinalável, indo desde os tratados filosófico-teológicos até à poesia, passando ainda pela exegese bíblica, pela história, pela epistolografia e pela controversia.

De acordo com as informações que o seu sobrinho deixou expressas, o humanista

Sendo indisputável a superioridade do seu latim, decidiu empenhar todas as suas forças em reparar o dano que resultara de há muito se terem perdido, por injúria do tempo, os livros que Cícero escrevera acerca da Glória, da República e da Consolação. Razão que o moveu a redigir, em Coimbra, o livro *Sobre a Glória*, e muitos anos depois o livro *Sobre a Ensinança do Rei*. Acerca da Consolação, porém, assentou que ele, por si só, nada poderia acrescentar, em substância e subtileza, àquele santo livro de Job, todo ele envolto num cendal de sentenças misteriosas; e foi assim que, servindo-se daquele género literário que, usando uma palavra grega, chamamos paráfrase, o verteu para latim e comentou.¹³

Como é óbvio, não se pode pretender encontrar nestas obras uma reconstituição dos textos de Cícero, mas antes uma composição adequada ao século XVI europeu das temáticas gerais que o Arpinate teria abordado nessas suas obras perdidas. De facto, D. Jerónimo Osório, que era conhecido como o ‘Cícero Português’, sem deixar de plasmar nestas obras todo o seu profundíssimo conhecimento da obra de Cícero, não deixou de incorporar também de forma profunda as ideias da atualidade que ele entendia serem as melhores sobre cada um dos assuntos a tratar e onde não poderiam faltar as ligações profundas à religião católica que ele professava e defendia, como sacerdote e como bispo. A este nível, de modo algum lhe poderia ser atribuída a fama ambígua e, seguramente, maliciosa, que acompanhou Pietro Alcyonio, autor de um diálogo intitulado *Medicis legatus*

¹² Cf. Op. cit.

¹³ Tradução de A. Guimarães Pinto em D. Jerónimo Osório (1996), 38.

sine de exilio. De facto, alguém pôs a circular o boato de que ele teria encontrado um manuscrito de Cícero que, depois de copiado, teria sido destruído para apagar qualquer rasto de plágio.¹⁴

Não seria nunca este o caso no que se refere a D. Jerónimo Osório.

O DE GLORIA

Centremo-nos, agora, no *De gloria*. Tendo sido a segunda obra do nosso autor, foi a obra que mais divulgação teve na sua forma latina original — vinte e nove edições¹⁵ se também contabilizarmos a edição bilingue saída em Lisboa em 2006¹⁶ — e, se tivermos em atenção também as traduções e a publicação de excertos fica em terceiro lugar, logo depois do *De nobilitate* e do *De regis institutione et disciplina*¹⁷.

Das suas vinte e nove edições na forma latina original, treze vieram a lume em vida do autor — a *princeps*, como já vimos, em 1549, em Coimbra e as três últimas em Londres em 1580¹⁸, ano da morte do autor e as restantes em Florença (1552), Alcalá (1568, 1572), Basileia (1571, 1573, 1576), Colónia (1576), Bilbao (2 edições em 1578). A sua divulgação pela Europa foi de tal maneira grande que Tom Earle não hesita em colocar esta obra entre as três obras portuguesas que considera terem tido mais sucesso em Inglaterra, entre 1540 e 1640, nomeadamente através dos exemplares existentes em Oxford e Cambridge¹⁹. Na realidade, não se trata só do *De gloria* já que, por norma, o *De nobilitate* sempre lhe aparece associado, surgindo em segundo lugar na edição (as exceções são as edições de 1552 em que surgem edições autónomas e, mais tarde, em 1792, de Coimbra, em que a ordem aparece invertida).

Além das edições que estão documentadas e que aparecem referidas no estudo de Leite de Faria já mencionado, Barbosa Machado fala na existência de mais quatro — Basileia (1556), Colónia (1577

¹⁴ Sobre este assunto, veja-se M.-M. de la Garanderie, *Christianisme et lettres profanes (1515-1535). Essai sur les mentalités des milieux intellectuels parisiense et sur la pensée de Guillaume Budé*. Lille, 1976, 113-114.

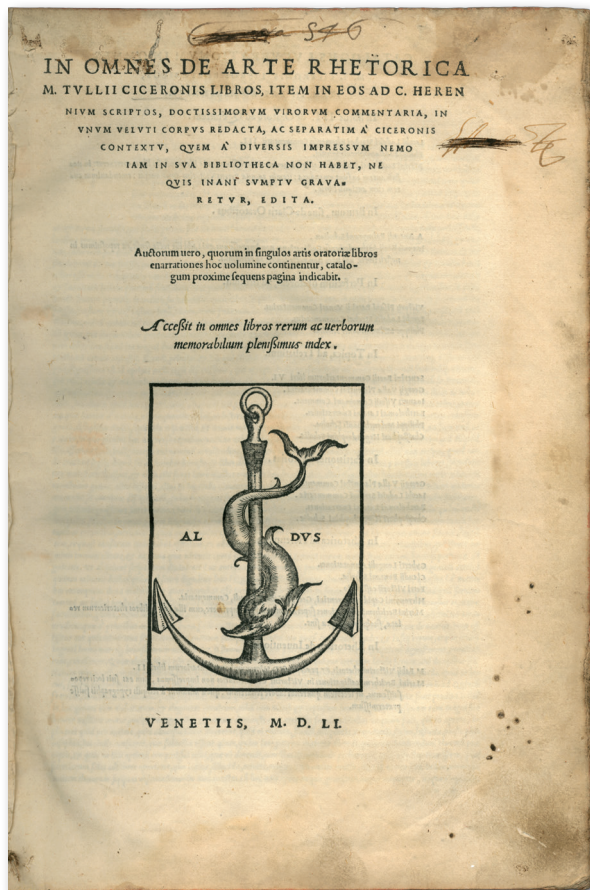
¹⁵ Não contabilizámos a edição feita por nós em 1991, já que está apenas policopiada, nem a primeira tradução portuguesa desta obra, publicada só em 2005 — D. Jerónimo Osório, *Tratado da Glória*. Tradução, introdução e anotações de A. Guimaraes Pinto. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005 — uma vez que não incorpora o texto latino.

¹⁶ D. Jerónimo Osório, *Tratado De Gloria*. Edição crítica de João Nunes Torrão. Coordenação e introdução de António Moniz. Tradução do texto latino e notas de António Moniz, Manuel Naia da Silva, Maria Leonor Santa Bárbara e Maria Alcina dos Mártires Lopes. Lisboa, Edições Colibri, 2006.

¹⁷ Veja-se Francisco Leite de Faria, op. cit.

¹⁸ Estas três edições, sendo autónomas, em termos factuais, aparentam pertencer a uma mesma impressão já que, salvaguardando a folha de rosto, as diferenças são mínimas entre elas. Fica-se com a clara sensação de que se tratou de uma impressão custeada por três patrocinadores diferentes que se terão unido para baixar os custos da edição, modificando apenas a folha de rosto.

¹⁹ Tom Earle, "Three Portuguese Best-Sellers in Early Modern Oxford and Cambridge, with a finding list": Teresa Pinto Coelho (ed.), *The Treaty of Windsor (1386) and 620 Years of Anglo-Portuguese Relations*. 2006. O texto e a respetiva informação bibliográfica foram encontrados na internet: o primeiro em: http://www.mod-langs.ox.ac.uk/files/windsor/4_earle.pdf e em http://www.mod-langs.ox.ac.uk/events/port/windsor/4_earle.pdf (últimas consultas em 28.12.2012) e a segunda em: <http://www.mod-langs.ox.ac.uk/earle> (última consulta em 28.12.2012).



57

e 1594) e Paris (1608) —, embora só mencione sete das vinte e oito que Leite de Faria refere. Este último autor não aceita a existência de nenhuma destas quatro edições já que, nas suas palavras “a primeira não existiu certamente pois a obra não se imprimiu em Basileia antes de 1571, como se lê no prólogo da que nesse ano aí se publicou” e as outras “não as encontrei, nem sequer mencionadas por quem me infunda confiança e por isso duvido muito de que tenham existido”²⁰. Embora, no geral, aceitemos os argumentos de Leite de Faria, pomos a hipótese séria de ter existido, pelo menos, a edição de Colónia de 1577. De facto, no estudo que realizámos na nossa tese de doutoramento, chegámos à conclusão de que, em termos de transmissão textual, há fortíssimas probabilidades de dois conjuntos de edições estarem dependentes desta hipotética edição de Colónia²¹.

O DIÁLOGO

De todas as obras de D. Jerónimo Osório só três — e precisamente aquelas em que ele tentou ‘reparar o dano’ da perda de obras de Cícero — foram escritas em forma dialogada, ainda que, no caso de *Paraphrasis in Iob* estejamos perante uma situação particular e bastante afastada dos dois exemplos anteriores já que a forma dialogada desta obra

tem forçosamente de estar associada à natureza do original de que é uma paráfrase.

Ora o diálogo, que aparece desde muito cedo na literatura clássica, não chegou a apresentar dentro dessa mesma literatura um enquadramento teórico que permita que se fale, de forma absoluta, em género literário. De facto, só em 1562, é que Carlo Sigonio²², por sinal colega de Jerónimo Osório na sua primeira estada em Itália, ‘teoriza’ sobre o diálogo, mas limitando-se a elaborar *a posteriori* as normas que a sua observação permitiu encontrar em Platão, Xenofonte e Cícero, mas aplicando também à sua ‘teorização’ as ideias defendidas por Aristóteles, atendendo a que era impossível verificar a prática do Estagirita já que as suas obras dialogadas se tinham perdido.

²⁰ Cf. op. cit. 122.

²¹ Sobre este assunto, veja-se a nossa tese de doutoramento, *maxime* l.47-51.

²² Caroli Sigoni, *De dialogo liber*. Venetiis, Jordanum Ziletum, MDLXII.

Há, realmente, na Antiguidade, uma prática do diálogo que passa por autores como Platão, Xenofonte, Ésquino, Aristóteles, Plutarco e Luciano, na Grécia. Já em Roma, é a figura de Cícero que sobressai, embora também possamos falar de Varrão, de Séneca e de Tácito. E se é verdade que não havia leis estabelecidas e, por isso, cada autor tinha a liberdade de poder adaptar o discurso dialógico às suas próprias necessidades de expressão, também não deixa de ser evidente que não estamos perante uma liberdade absoluta atendendo, nomeadamente, ao facto de já Cícero falar em *mos dialogorum*²³ e em *consuetudo dialogorum*²⁴.

Esta longa prática do diálogo aparece consubstanciada em duas grandes opções que correspondem a duas maneiras de o encarar: uma, praticada sobretudo por Platão, a que J. Andrieu²⁵ chama ‘dialogue dramatique’ — diálogo dramático; a outra, seguida por Aristóteles e por Cícero, a que o mesmo autor chama ‘dialogue en récit’ ou também ‘dialogue narratif’ — diálogo narrativo. Um e outro permitem ainda um diálogo em segundo grau, isto é, um outro diálogo dentro da intervenção de uma das personagens e que pode ser apresentado em situações diversas.

O diálogo da Antiguidade, seguramente com influência do pendor confessional e autobiográfico de Séneca e de Marco Aurélio, acaba depois por evoluir, em Santo Agostinho, para o solilóquio e, só mais tarde, no Renascimento, volta a ser recuperado, começando, naturalmente, pela Itália e daí irradiando para os outros países europeus.

Em Itália, poderemos dizer que é Petrarca o primeiro que começa a assumir o diálogo clássico, embora a sua obra ainda esteja a meio caminho entre o solilóquio de Santo Agostinho e o diálogo ciceroniano. Será, pois, Leonardo Bruni a apresentar de maneira mais evidente as características do diálogo do Arpinate e, depois, vamos ainda encontrar Lorenzo Valla, Poggio Bracciolini, Leon Battista Alberti, Nicolau de Cusa, Pietro Bembo, Castiglione, e muitos outros. Mas também fora de Itália o diálogo foi largamente cultivado. A título de exemplo, poderemos falar de Erasmo, Tomás Moro, Margarida de Navarra, Alfonso de Valdés, Juan de Valdès, Michel Servet, Étienne Dolet, Leão Hebreu, Luísa Sigeia, Francisco de Holanda, Frei Amador Arrais, João de Barros, Garcia da Orta e, como já dissemos, D. Jerónimo Osório.

Como teve oportunidade de mostrar, ainda que de forma muito breve, A. Guimarães Pinto²⁶, a obra do nosso autor enquadra-se, embora de forma relativa, nos preceitos que o seu colega e amigo Carlo Sigonio só haveria de apontar em edição de 1562, mas, que, com grande probabilidade, teriam sido assunto de discussão neste grupo de amigos.

²³ *Fam.* 9.8.1.

²⁴ *Brutus* 218.

²⁵ J. Andrieu, *Le dialogue antique. Structure et présentation*. Paris, 1954, 285-286.

²⁶ D. Jerónimo Osório (2005), 13-19.

O autor vai, pois, utilizar o diálogo e fá-lo, a nosso ver, por várias razões, mas em que sobressaem duas. A primeira é de ordem didática e é apontada pelo próprio autor quando diz:

Vt autem id commodius efficerem, uenit in mentem mihi complecti his libris ea quae quondam de gloria et dignitate, in sermone quodam a me cum hominibus amicissimis habito, cum essem Bononiae, uersata sunt. In quo sermone multa sunt adducta quae totius gloriae uim atque rationem facilius aperient²⁷

‘Ora a fim de mais acomodadamente poder levar a cabo este intento, ocorreu-me encerrar nestes livros aqueles assuntos que outrora foram versados acerca da glória e da dignidade em certo diálogo, que, quando me encontrava em Bolonha, mantive com varões muito meus amigos. Neste diálogo apresentaram-se muitas matérias que revelarão com maior clareza a essência e modo de ser de toda a glória.’²⁸

A segunda, embora não seja apresentada formalmente, também a conseguimos descortinar no texto osoriano. De facto, o autor começa por apontar a ambiguidade da glória dizendo que o seu desejo pode levar o homem a dois caminhos antagónicos: o caminho do bem e o caminho do mal. Ora, se isto é assim, tem toda a lógica apresentar estes dois caminhos através de uma estrutura literária que possibilite de forma clara a apresentação dos prós e dos contras de cada um para ver se é possível chegar a uma conclusão. Para isso, nada melhor do que o diálogo já que este, através da utilização de diferentes personagens, permite pôr em confronto as visões diferentes do tema que está em discussão.

Mas estamos perante um diálogo especial já que o autor, mais do que um verdadeiro diálogo, apresenta, para sermos exatos, uma sequência de monólogos, intercalados, aqui e ali, por alguns pequenos diálogos. Se quiséssemos utilizar o enquadramento que Jacqueline Ferreras²⁹ deu ao diálogo ficaríamos a hesitar entre duas opções:

à primeira chama ‘diálogo fechado com uma discussão aparente’ e aí uma personagem funciona como porta-voz do autor e concede aos seus interlocutores uma relativa capacidade dialética; e, embora o leitor se aperceba da intenção e posição do autor, os interlocutores têm a capacidade de exprimirem as suas objeções, ainda que sempre numa relação do género mestre discípulo, já que a personagem do autor aparece sempre numa relação de autoridade;

à segunda dá o nome de ‘diálogo fechado baseado na discussão’ e nele os diversos interlocutores apresentam visões diferentes sobre o assunto em discussão e acabam por evoluir para uma posição intermédia.

²⁷ Atendendo a que a nossa edição crítica publicada em 2006 acompanhada de tradução (D. Jerónimo Osório (2006)) apresenta alguns problemas (pontuais, no texto, e bastante complicados no aparato crítico), faremos as citações do texto osoriano pela nossa tese de doutoramento, já referida anteriormente. Veja-se, no caso presente, II. 7.

²⁸ Para os textos do *De gloria*, utilizaremos a tradução de A. Guimarães Pinto. Cf. neste caso, D. Jerónimo Osório (2005) 30-31.

²⁹ Jacqueline Ferreras, *Les dialogues espagnols du XVIIe siècle ou l'expression littéraire d'une nouvelle conscience*. Lille-Paris, 1985, 1058 e seguintes.

No entanto, o *De gloria* acaba por não coincidir exatamente com nenhuma destas classificações, apresentando antes um conjunto de elementos de ambas. Assim, parece preferível enquadrar esta obra numa espécie de opção intermédia que foi defendida por Peter Burke³⁰, a partir da obra de J. Ferreras, e a que chama ‘disputation’ em que ‘ são apresentados diferentes pontos de vista, mas um dos oradores está destinado a vencer, de maneira mais ou menos subtil’. De facto, a posição de Osório fica muito clara desde o início, mas isso não impede a apresentação de argumentos de sentido contrário pelos dois outros intervenientes, Agustín e Matal, sem que, em qualquer momento, exista uma relação de mestre-discípulo. Além disso, a discussão, por vezes acalorada, não vai caminhar para uma posição intermédia, antes vai levar a que todos concordem com a posição inicial de Osório ainda que, naturalmente, ela tenha sido bastante desenvolvida ao longo da discussão e, se assim se pode dizer, apareça apresentada, pelo menos de forma aparente, sob um outro ângulo.

O *De gloria* aparece dividido em cinco livros, mas esta estrutura externa não tem uma correspondência muito rigorosa com a estrutura interna. De facto, a mudança de livro não fica a dever-se a grandes pausas e, em rigor, só a divisão do livro terceiro para o livro quarto, se justificaria plenamente já que coincide com o fim da intervenção de Agustín contra a glória e o início da contra-argumentação de Osório.

Ao nível da estrutura interna, vista a um nível geral, poderemos considerar três etapas:

1. A dedicatória a D. João III; 2. O enquadramento do diálogo; 3. O diálogo propriamente dito e depois, já dentro do diálogo, a posição inicial de Osório a favor da glória, a forte argumentação de Agustín defendendo a posição contrária e, finalmente, a contra-argumentação do português para defender o seu ponto de vista.

A dedicatória a D. João III aparece de forma autónoma na edição de 1549, sob a forma de epístola, mas, a partir de 1552, aparece enquadrada no texto geral a abrir o livro primeiro. Poderá ser dividida em três partes: a primeira que engloba uma visão genérica do tema da glória, apontando as vantagens e inconvenientes e a razão de ser de uma obra que aborde esta temática; a segunda é a dedicatória propriamente dita a D. João III; a terceira faz um elogio das qualidades do rei português.

O enquadramento do diálogo apresenta dois grandes tópicos: começa pela referência ao local, primeiro de uma forma genérica, remetendo para a cidade de Bolonha, e depois de maneira um pouco mais concreta, ainda que indefinida, apontando para uma casa de campo nos arredores da cidade, de seguida há a indicação e a apresentação das personagens: Antonio Agustín, Jean Matal e o próprio autor, embora o autor pouco diga sobre si próprio.

Como já dissemos, o diálogo propriamente dito, para além da posição inicial de Osório a favor da glória, poderá ser dividido em duas enormes secções: a primeira em que se faz o ataque à glória

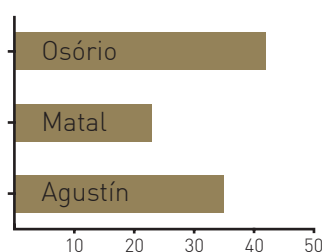
³⁰ Peter Burke, “The Renaissance dialogue”: *Renaissance Studies. Journal of the Society for Renaissance Studies* 3.1 (1989) 1-2.

e que é, basicamente, protagonizada por Agustín; e a segunda em que a glória é defendida e que tem como principal interveniente Jerónimo Osório. Contudo, estas duas secções não são estanques nem exclusivas já que a primeira, que ocupa os dois primeiros livros, contempla também, como já vimos, a defesa da glória feita por Osório e a segunda, que preenche os três livros restantes, também admite uma entrada em cena de Jean Matal com ataques à glória, mas termina num consenso generalizado sobre as vantagens da glória no contexto em que ela é apresentada pelas últimas intervenções de Osório.

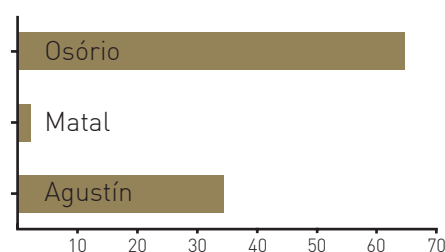
Mencionámos acima que o autor, mais do que um verdadeiro diálogo, apresenta uma sequência de monólogos. Vejamos agora em que nos baseamos para fazer essa afirmação.

O diálogo apresenta oitenta e três (83) intervenções, sendo trinta e cinco (35) na primeira pessoa (Jerónimo Osório) e quarenta e oito (48) na terceira pessoa — vinte e nove (29) à conta de Agustín e dezanove (19) pertencentes a Matal. Estes dados permitem-nos ver que estamos, claramente, perante um diálogo em que prevalece a primeira pessoa, que, de forma clara, aparece a orientar a discussão. Mas estes elementos tornam-se ainda mais evidentes se contabilizarmos não apenas o número de intervenções mas também o espaço atribuído a cada interveniente. Não sendo possível cronometrar as intervenções de cada um, façamos essas contas através do número de linhas que as respetivas falas ocupam na obra. Nesta perspetiva, verificamos que Jerónimo Osório ocupa 3244 linhas³¹, que Agustín se espraia por 1680 linhas e que Matal se limita a apenas 90 linhas. Em percentagem, se considerarmos o número de intervenções, Osório aparece com 42%, Agustín com 35% e Matal com 23%, mas se olharmos para o espaço dessas mesmas intervenções, a situação é a seguinte: Osório sobe para 64,5%, Agustín desce, ligeiramente, para 33,5 % e Matal cai de forma drástica para menos de 2%.

Intervenções



Espaço



³¹ Seguimos, como é óbvio, a nossa edição crítica e as linhas incompletas foram contadas como linhas inteiras.

DE REBVS,
EMMANVELIS REGIS LV.
SITANIÆ INVICTISSIMI VIRTUTE
ET AVSPICIO GESTIS LIBRI
DVODECIM.



Auctore Hieronymo Osorio
EPISCOPO SYLVENSI.



OLYSIPPONE.
Apud Antonium Gondifaluū Typographum.

Anno Domini, M. D. Lxxj.

CVM PRIVILEGIO REGIO.

Montevideo. wntesojwnteremio o d lo con



Como aspetos curiosos, assinalem-se ainda os seguintes: a intervenção mais longa da obra tem setecentas e setenta e uma (771) linhas e pertence a Jerónimo Osório; há onze (11) intervenções que ultrapassam as cento e cinquenta (150) linhas; e a intervenção mais longa de Matal tem apenas ... quinze (15) linhas.

Estes números permitem-nos, no mínimo, duas conclusões:

em primeiro lugar, e com grande relevância, a importância assumida por Osório com bastante mais de metade de todo o texto da obra;

em segundo lugar, o apagamento claro de Matal que surge assim com um papel claramente secundário deixando que Osório fique, na prática, apenas com um adversário, Antonio Agustín.

Matal, de facto, quase se limita a assistir ao diálogo entre os outros dois e a quebrar a monotonia das suas longas intervenções com incisivos que, regra geral, se ficam por três ou quatro linhas. É ainda sintomático que as suas intervenções mais longas se situem na altura em que o tema que está em discussão não é a glória, mas antes a edição crítica das *Pandectas*. De qualquer modo, a sua última intervenção um pouco mais longa — oito (8) linhas — acaba por introduzir o tema da humildade cristã em oposição à glória e, com isso, a discussão que estava prestes a terminar, pois Agustín já se dava por vencido, acaba por se reavivar³².

Acabámos de dizer que Matal serve, basicamente, para quebrar a monotonia das longas intervenções e o próprio autor parece ter-se apercebido desse problema já que optou por introduzir alguns interlocutores fictícios nas intervenções das suas personagens. Assim, Agustín, na tentativa de melhor defender as suas posições, põe a intervir alguns homens desejosos de glória para contradizerem as posições de Osório. Esta intervenção adquire uma grande vivacidade já que Agustín não se limita a introduzi-los, antes os apresenta, põe-nos a falar, corta-lhes a palavra para interpelar diretamente Osório, dá-lhes novamente a palavra, interrompe-os de novo para fazer um resumo do que eles poderiam dizer, volta a pô-los a falar e termina com nova interpelação a Osório³³.

Mais tarde, e novamente numa intervenção de Agustín, vamos encontrar um outro interlocutor fictício na pessoa de um amante e defensor dos duelos. Neste caso, trata-se de um animadíssimo despique verbal em que o defensor desta forma de luta advoga vigorosamente a sua causa, enquanto Agustín vai introduzindo novos argumentos com frases que não chegam a atingir uma linha para concluir com uma longa descrição de um duelo em que, através da acumulação de uma série de aspetos negativos, fica clara uma inequívoca condenação deste género de combate³⁴. Este repúdio pelo duelo vai ser, mais tarde, corroborado por Jerónimo Osório.

³² Il.194.

³³ Il. 56-59.

³⁴ Il. 74-78.

Mas os homens desejosos de glória vão voltar a aparecer, desta vez numa intervenção de Osório. De facto, como Agustín os pôs a falar diretamente com o português, este vai reservar-lhes também uma resposta pessoal.

Um outro aspeto que merece uma referência especial é o papel do riso nesta obra. De facto, se tivermos em atenção que estamos perante uma obra que se enquadra, de algum modo, no campo filosófico e que apresenta um conjunto de argumentos de raízes bíblicas e teológicas, não estaríamos à espera que o riso surgisse com esta abundância. Na realidade, por onze vezes, a intervenção de uma personagem é introduzida pelos participios presentes *ridens*³⁵ e *arridens*³⁶ — cinco (5) vezes para Agustín e três (3) para cada um dos outros, para além de uma situação de riso generalizado, apresentada com a forma verbal *arrisimus*³⁷ e na qual há uma reminiscência clara de um texto ciceroniano³⁸.

Pensamos que este aspeto é utilizado propositadamente por Osório para dar maior verosimilhança ao seu texto. De facto, os três interlocutores são três estudantes relativamente jovens (o mais velho, de acordo com o ano em que a obra é situada — 1542 — é Jerónimo Osório e teria cerca de vinte e oito anos) que, além disso, aparecem classificados como *amicissimi*, pelo que não é de estranhar que se divirtam e brinquem uns com os outros.

O LOCAL E A DATA

Um número significativo de textos em diálogo apresenta com particular cuidado o local onde os interlocutores se reúnem e o enquadramento temporal em que o diálogo se realiza.

Neste caso, porém, o autor não se preocupou muito com a identificação do local nem do tempo em que esta conversa se realizou, mas, mesmo assim, sempre foi deixando alguns elementos que nos permitem ficar com uma ideia aproximada.

O local aparece referido logo no início de uma forma muito vaga — *in suburbano quoddam*³⁹ — havendo, um pouco mais à frente, uma pequena explicitação — *huius loci amoenitate*⁴⁰. Só muito mais tarde, já no livro quarto, nos são dadas mais algumas informações que situam os interlocutores em um lugar com flores, possivelmente, um jardim, e com bastante sombra obtida através de videiras entrelaçadas com ulmeiros

³⁵ Il.21; Il.24; Il.55; Il.70; Il.82; Il.86; Il.143; Il.145; Il.152.

³⁶ Il.12; Il.94.

³⁷ Il.21.

³⁸ *De oratore* 2.29-30.

³⁹ Il.11 — 'em certa casa de campo dos arrabaldes'.

⁴⁰ Il.11 — 'a amenidade deste lugar'.

in his saltem sedibus floridis et amoenis, inter has ulmos tam suis frondibus quam adiunctis
uitibus totum hunc locum opacantes⁴¹.

‘nestes lugares floridos e aprazíveis, entre estes olmos que sombreiam todo este sítio tanto com
as suas frondes como com as vides que os cingem.’⁴²

Como é óbvio, temos de ter em atenção que estamos, naturalmente, perante a descrição de um
típico *locus amoenus*⁴³ e, por isso, não terá de haver uma coincidência muito rigorosa entre o local
descrito e a realidade, mas isso não pode anular a descrição que é feita e, sobretudo, a opção do
autor por escolher esta e não outra.

Sublinhe-se a escolha de um local perto de Bolonha — com a sua grande atividade cultural —,
mas, em simultâneo, um lugar aprazível e fora da cidade para poder mostrar o afastamento dos três
interlocutores dos seus afazeres habituais.

No que ao tempo diz respeito, vamos também encontrar alguma indefinição, mas também
alguns pormenores que nos permitem tirar algumas conclusões.

A ação é colocada depois da vinda de Agustín e de Matal da cidade de Florença o que nos leva
para depois da janeiro de 1942 e tem de se situar antes do regresso a Portugal de Osório, o que terá
acontecido em meados desse mesmo ano. Já vimos também, através da descrição do *locus amoenus*,
que teremos de avançar para a primavera e não ficarmos situados no inverno já que não haveria
flores nem videiras e ulmeiros frondosos.

Além disso, o próprio texto nos vai dar, pela positiva ou pela negativa, mais algumas indicações.
Assim, o diálogo não apresenta pausas que justifiquem uma mudança de dia nem sequer o tempo
para tomar uma refeição e a conversa termina quando já era noite:

Nox enim nos, ut uidetis, nec opinantes oppressit⁴⁴
‘É que a noite, como vedes, surpreendeu-nos desprevenidos’.⁴⁵

Tinha havido, aliás, já no livro quinto, uma tentativa de Osório de adiar o resto da discussão
para o dia seguinte porque já se estava a aproximar a hora do pôr do sol:

Sed partim quod arbitrer aures uestras iam audiendo defessas esse, partim quod solem praecipit-
tantem aspicio, hac extrema parte nunc supersedere constitui. Si placet igitur perorationem in alium
diem reseruemus⁴⁶

⁴¹ Il.152-153.

⁴² D. Jerónimo Osório (2005) 169.

⁴³ Veja-se o estudo sobre este tópico, em que se fala sobretudo da Idade Média, mas em que não se deixa de lado a Antiguidade: E. R. Curtius, *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter*. Bern, 1948 [Trad. port.: *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. Rio de Janeiro, 1957], *maxime* 200-205.

⁴⁴ Il. 202.

⁴⁵ D. Jerónimo Osório (2005) 213.

⁴⁶ Il. 177.

‘Mas, em parte porque penso que os vossos ouvidos já estão fatigados de escutar, em parte porque vejo o Sol a declinar, decidi abster-me por agora desta última parte. Por isso, se vos apraz, deixemos a peroração para outro dia.’⁴⁷

Esta ideia não é aceite já que Agustín não a aprova com o argumento de que, se o dia não fosse suficiente, a discussão se poderia prolongar pela noite dentro:

Nos autem non audiendo defessi, ut inquis, sed ualde oblectati sumus, et sermonem nostrum, si dies non suffecerit, possumus in multam etiam nocte producere.’⁴⁸

‘Além disso, nós não estamos fatigados de escutar, conforme dizes, mas sobretudo encantados, e, se o dia não chegar, também podemos prolongar a nossa conversa pela noite fora.’⁴⁹

Parece-nos, pois, que fica claro que a conversa teve lugar num dia de primavera e que decorreu numa tarde, tendo entrado, ainda, pelo início da noite.

O ESTILO: AS CLÁUSULAS MÉTRICAS

Osório ficou conhecido como o ‘Cícero português’ e há até um episódio narrado na sua vida que aponta nesse sentido:

‘Nesta cidade [Bolonha], aconteceu que, andando ele uma ocasião a passear, como é costume, acompanhado por pessoas da terra e por estudantes, houve alguém que, ao vê-lo, disse aos seus acompanhantes, apontando com o dedo para Osório.

— Vede e olhai para alguém que, se quiser, ressuscitará Cícero de entre os mortos.’⁵⁰

Osório levou este episódio tão a peito que aprofundou o seu estudo das obras do Arpinate e acabou por compor os seus livros de forma a que fica bastante clara a influência do escritor latino.

De facto, quer no estilo quer no vocabulário quer nas referências torna-se evidente que estamos perante um admirador e um seguidor de Cícero.

Deixemos de lado, neste momento, as influências textuais⁵¹ e abordemos uma outra situação.

Na verdade, um leitor de Osório ao envolver-se no seu período longo e elaborado, enriquecido por uma linguagem sinonímica e, por vezes, tautológica, verifica que há uma preocupação rítmica na construção do discurso. Além disso, a justaposição de orações coordenadas ou a sequência de

⁴⁷ D. Jerónimo Osório (2005) 191.

⁴⁸ II.177.

⁴⁹ D. Jerónimo Osório (2005) 191.

⁵⁰ D. Jerónimo Osório (1996) 37.

⁵¹ Veja-se o nosso trabalho sobre esta temática em I. 259-303.

subordinadas e a própria disposição sintagmática na frase obedecem a uma simetria tão perfeita que toma os longos períodos de um fácil entendimento e de uma harmonia rítmica difícil de reproduzir em tradução vernácula e todos estes aspetos apontam claramente para Cícero.

Além disso, é ponto assente que os autores renascentistas tinham consciência da utilização da prosa métrica por Cícero e, em menor grau, por outros autores latinos, nomeadamente César, Salústio, Tito Lívio e, mais tarde, Séneca, Plínio, o Moço, Apuleio, Suetónio, entre outros.

Não é, pois, de estranhar que as cláusulas métricas ciceronianas⁵², que tanta fortuna teriam, mesmo ao longo da Idade Média, como por exemplo na obra de Santo Agostinho⁵³, tenham merecido de Osório um tratamento especial⁵⁴.

Iremos utilizar apenas uma amostragem, mas os elementos que, de seguida, apontamos parecem-nos mais do que suficientes para demonstrar que Osório faz uma utilização consciente deste processo estilístico tão ao gosto do Arpinate. De facto, seria fastidioso fazer o levantamento das cláusulas métricas para a totalidade do *De gloria*. Por esse motivo, as indicações que fornecemos dizem respeito, apenas, ao **livro primeiro**.

Limitar-nos-emos, também, a considerar as cláusulas finais, isto é, aquelas que estão seguidas de uma pontuação forte, nomeadamente o ponto final, o ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação e, ainda, os dois pontos.

Muitas foram as cláusulas encontradas: mas também deparámos com alguns passos em que não conseguimos identificar nenhuma; além disso, em um ou outro caso, nem sequer a variante dos *cursus* foi possível aplicar. É de assinalar, no entanto, que encontramos, com alguma frequência, cláusulas que, para Cícero, seriam consideradas medíocres, nomeadamente a heroica e as que incluem o dactilo como primeiro elemento.

No livro primeiro, encontramos quatrocentos e trinta e três finais, e só vinte e cinco não apresentam nenhuma cláusula das habitualmente utilizadas; destes vinte e cinco, porém, cinco ainda se apresentam sob a forma de *cursus*.

Encontrámos um total de quatrocentas e oito (408) cláusulas e ainda cinco (5) *cursus*. Vejamos agora a frequência de cada uma das cláusulas: **dispondeu**— setenta e cinco vezes; **dicoreu** — cinquenta e nove vezes; **crético-espondeu** — trinta e seis vezes; **heroica** — trinta e cinco vezes; **espondeu-crético** — trinta e três vezes; **duplo crético** — vinte e cinco vezes; **espondeu-dicoreu** — vinte e cinco vezes; **iambo-espondeu** — vinte e uma vezes; **espondeu-péon 1.º** — vinte vezes;

⁵² Serviu de guia ao nosso trabalho neste aspeto: L. Laurand, *Études sur le style des discours de Cicéron avec une esquisse de l'histoire du 'cursus'*. Tome II. Paris, 1926, 156 e ss.

⁵³ Como se sabe, há até um estudo dedicado à análise das cláusulas em uma das obras de Santo Agostinho: Graham Reynolds, *The clausulae in the Civitate Dei of St. Augustine*. Washington, 1924.

⁵⁴ Breves considerações sobre o tema em Henrique Castelo Madeira, *Hieronymus Osorius Lusitanus, praeclarus litterarum humanarum cultor eius-que opus De gloria dictum*. Romae, 1968, 76 e 79-80.

péon 1.º-espondeu — dezasseis vezes; **crético-iambo** — onze vezes; **crético-dicoreu** — onze vezes; **péon 4.º-espondeu** — dez vezes; **troqueu-péon 1.º** — oito vezes; **crético-dispondeu** — sete vezes; **dáctilo-péon 1.º** — sete vezes; **dáctilo-crético** — seis vezes; **crético-péon 1.º** — cinco vezes; **iambo-crético** — três vezes; **dáctilo-tríbraco-espondeu** — três vezes; **espondeu-péon 4.º** — duas vezes; **péon 1.º-crético** — uma vez; **cursus uelox** — três vezes; **cursus dispondiaico** — uma vez; **cursus tardus** — uma vez.

Como se vê, Osório deu larga preferência às cláusulas constituídas pela repetição de um pé: **dispondeu, dicoreu e duplo crético**. É de salientar, no entanto, a vasta utilização da cláusula heroica, embora esta fosse considerada medíocre por Cícero e, por consequência, pouco recomendada o seu uso. Registemos, por último, o facto de as restantes cláusulas, que, na ótica de Cícero, eram consideradas medíocres (genericamente, as que englobavam o dáctilo), terem na obra de Osório uma utilização muito restrita.

É evidente que esta utilização repetida das cláusulas métricas não surge por mero acaso. Julgamos até que ela encontra a sua justificação em duas ordens de fatores. O primeiro, que, em princípio, terá atuado a nível inconsciente, está relacionado com o profundo conhecimento que Osório tinha de toda a obra de Cícero e do ritmo da sua linguagem. A segunda tem a ver com o seu desejo de imitar o Arpinate, nomeadamente através da reconstituição das suas obras perdidas. Ora, como o *De gloria* era uma das obras desaparecidas de Cícero, a sua reconstituição deveria passar, em termos formais, por uma imitação fiel dos processos estilísticos do grande tratadista romano, já que, ao nível ideológico, Osório assume, conscientemente, a rutura imposta pelo correr dos séculos e a afirmação dos valores do cristianismo em que o nosso humanista se baseia.

CONCLUSÕES

Do que foi dito facilmente se conclui que D. Jerónimo Osório foi um dos humanistas portugueses mais conhecidos na Europa do seu tempo já que as suas obras tiveram múltiplas edições e enorme circulação. No caso concreto do *De gloria*, o autor conseguiu fazer jus ao nome pelo qual era conhecido, ‘Cícero Português’, já que pelo estilo utilizado, pela assunção do diálogo, pelas reminiscências textuais e até pela especificidade da utilização das cláusulas métricas, alcançou concretizar um texto que, não podendo ser confundido com um texto original do Arpinate, dada a envolvimento ideológica e epocal com que Osório o enforma, apresenta muitos paralelos com os textos do autor de uma das épocas mais grandiosas da literatura latina.

BIBLIOGRAFIA

- CAROLI SIGONI, *De dialogo liber*. Venetiis, Jordanum Ziletim, MDLXII.
- CÍCERO, *Brutus* (J. Martha) Paris, 1966.
- CÍCERO, *Ad familiares*. (L.C. Purser), Oxonii, 1901 [num. reimpr.]
- D. JERÓNIMO OSÓRIO, *Opera Omnia I. Paráfrases a Job e à Sabedoria de Salomão*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra-Universidade do Algarve, [Portugaliae Monumenta Neolatina vol. IV], 2009.
- D. JERÓNIMO OSÓRIO, *Tratado da Glória*. Tradução, introdução e anotações de A. Guimarães Pinto. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- D. JERÓNIMO OSÓRIO, *Tratado De Gloria*. Edição crítica de João Nunes Torráo. Coordenação e introdução de António Moniz. Tradução do texto latino e notas de António Moniz, Manuel Naia da Silva, Maria Leonor Santa Bárbara e Maria Alcina dos Mártires Lopes. Lisboa, Edições Colibri, 2006.
- D. JERÓNIMO OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*. Tradução, introdução e anotações de A. Guimarães Pinto. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, [1996].
- E. R. CURTIUS, *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter*. Bern, 1948 [Trad. port.: *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Rio de Janeiro, 1957].
- FRANCISCO LEITE DE FARIA, “As muitas edições de obras de D. Jerónimo Osório”: *Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 1 (1981) 116-131.
- GRAHAM REYNOLDS, *The clausulae in the Civitate Dei of St. Augustin*. Washington, 1924.
- HENRIQUE CASTELO MADEIRA, *Hieronymus Osorius Lusitanus, praeclarus litterarum humanarum cultor eiusque opus De gloria dictum*. Romae, 1968.
- HENRIQUE CASTELO MADEIRA, *Jerónimo Osório, pedagogo e moralista cristão à luz da obra De regis institutione et disciplina*. Roma, tese dactilografada, 1970.
- HIERONYMI OSORII LUSITANI Episcopi Algarbiensis, *Opera Omnia*. Hieronymi Osorii Nepotis Canonici Eborensis Diligentia. Romae, Ex Bibliotheca Georgii Ferrarii, MDXCII.
- J. ANDRIEU, *Le dialogue antique. Structure et présentation*. Paris, 1954.
- JACQUELINE FERRERAS, *Les dialogues espagnols du XVIe siècle ou l'expression littéraire d'une nouvelle conscience*. Lille-Paris, 1985.
- JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO, *D. Jerónimo Osório e o tratado De gloria*. I. Estudo. II. Edição Crítica. Coimbra, 1991 (tese de doutoramento policopiada).
- JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO, “Portugueses no Estudo se Salamanca (1250-1550)”: *Revista da Faculdade de Letras*, III série, Lisboa, n. 5 (1962).
- L. LAURAND, *Études sur le style des discours de Cicéron avec une esquisse de l'histoire du 'cursus'*. Tome II. Paris, 1926.
- LÉON BOURDON, “Jerónimo Osório et Stanislas Hosius —(1565-1678)”: *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, XXIII, (1958) 1-105.
- LUÍS DE MATOS, “La place du possessif dans le De rebus Emmanuelis gestis de Jerónimo Osório”: *Mélanges de philologie, de littérature e d'histoire anciennes offerts à J. Marouzeau par ses collègues et élèves étrangers*. Paris, 1948.
- M.-M. DE LA GARANDERIE, *Christianisme et lettres profanes (1515-1535). Essai sur les mentalités des milieux intellectuelles parisiense et sur la pensée de Guillaume Budé*. Lille, 1976.
- PETER BURKE, “The Renaissance dialogue”: *Renaissance Studies. Journal of the Society for Renaissance Studies* 3.1 (1989).
- SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO, “Poética e poesia em D. Jerónimo Osório”: *Humanitas*, 35 36 (1983-84), 221-270.
- TOM EARLE, “Three Portuguese Best-Sellers in Early Modern Oxford and Cambridge, with a finding list”: Teresa Pinto Coelho (ed.), *The Treaty of Windsor (1386) and 620 Years of Anglo-Portuguese Relations*. 2006: http://www.mod-langs.ox.ac.uk/files/windsor/4_earle.pdf e http://www.mod-langs.ox.ac.uk/events/port/windsor/4_earle.pdf e ainda <http://www.mod-langs.ox.ac.uk/earle>.